

A REPRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM NEGRO NA LITERATURA INFANTOJUVENIL E A SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DO ALUNO NEGRO

Viviane Mariana Rodrigues Pimenta¹

Sonia Maria Packer Hubler²

RESUMO

A escola exerce papel fundamental na formação da imaginação e no desenvolver da subjetividade do aluno, pois oportuniza, de forma significativa, o contato com diferenças e semelhanças por meio da comunidade escolar. Os livros literários também são uma forma de identificação da criança, através dos seus personagens e ilustrações, e o modo como são apresentados em sala poderá contribuir de forma significativa - positiva ou negativamente - para a formação subjetiva do indivíduo. Este artigo, de cunho bibliográfico, teve como objetivo entender como personagens negros aparecem na literatura infantojuvenil e se há influência dessas características e posições na construção da subjetividade do aluno negro. Finalizando a pesquisa, apresentam-se evidências de que livros de literatura nos quais personagens negros são representados de forma negativa e desigual podem influenciar na construção da subjetividade do aluno. A escola e o professor são fundamentais na escolha de livros cujos personagens negros sejam representados e posicionados de forma positiva, levando em conta suas características, história e ancestralidade.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil. Personagens negros. Subjetividade.

ABSTRACT

The school plays a fundamental role in the formation of imagination and in the development of the student's subjectivity, as it significantly provides opportunities for contact with differences and similarities through the school body. Literary books are also a way of identifying the child, through their characters and illustrations, and the way they are presented in the classroom can significantly contribute - positively or negatively - to the subjective formation of the individual. This bibliographic article aimed to understand how black characters appear in children's literature and whether these characteristics and positions influence the construction of the black student's subjectivity.

¹ Faculdade Unina. Licenciada em Letras Português/Libras. E-mail: marianaviviane25@gmail.com

² Professora da Faculdade Unina. Mestre em Linguística de Língua Portuguesa. E-mail: sonia@unina.edu.br

Represented in a negative and unequal way can influence the construction of the student's subjectivity. The school and the teacher are fundamental in choosing books whose black characters are represented and positioned in a positive way, taking into account their characteristics, history and ancestry.

Keywords: Children's Literature. Black characters. Subjectivity.

INTRODUÇÃO

O intuito deste artigo é refletir sobre a possível influência que a representação do personagem negro na literatura infantojuvenil pode exercer na construção da subjetividade do aluno negro.

Considera-se que é papel da escola formar o aluno em todas as suas dimensões – intelectual, física, emocional, social e cultural – como sujeito reflexivo e ativo na sociedade, capaz de reconhecer, respeitar e lutar pela igualdade. Nesse sentido, entende-se que a literatura é um dos principais meios que a escola pode usar para propiciar a formação completa do discente, porque, além de trazer conhecimento, os textos literários auxiliam na constituição do caráter e da subjetividade do educando.

De acordo com Vygotsky (1991) a subjetividade é construída a partir da interação do que é individual e inerente a cada ser humano com o meio social, sejam pessoas, histórias, memórias, ilustrações. Assim sendo, acreditamos que o contato com personagens dos livros também é uma forma de identificação, uma vez que, por meio deles, o aluno passa a se enxergar, ver o outro e se ver na literatura, e a maneira como ela o representa é determinante para a construção do seu lugar no mundo.

A problemática parte então de se e como a representação dos personagens negros na Literatura Infantojuvenil pode influenciar na constituição da subjetividade do educando negro.

Segundo Dalcastagnè (2008), é através de registros literários que histórias, opiniões e construções da sociedade são apresentadas e disseminadas ao longo do tempo.

A literatura, além de contar a história da formação social de uma determinada época, também tem o poder de reforçar certos conceitos. Nesse

sentido, inicialmente, os negros aparecem na Literatura como mercadoria, objetos, e com aparência estereotipada, reflexos de como eram vistos e tratados.

Partindo da hipótese da interferência de personagens negros na composição da subjetividade do aluno, surge o nosso objetivo, que busca entender como esses personagens são representados na literatura infantojuvenil e qual a importância dessa representação para a formação do aluno negro.

Para tanto este artigo faz uma breve revisão na história da literatura infantojuvenil brasileira, refletindo sobre sua função e importância no espaço escolar, e termina com uma análise da subjetividade, de como ela se compõe e sobre sua relação com a literatura e com determinadas representações do personagem negro.

A TASSITURA DOS PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA

A partir do olhar da sociedade para a faixa etária infantil e juvenil com o início de obras destinadas a elas, o personagem negro começa a aparecer e, segundo Castilhos (2004), a rejeição e a padronização negativa que se fazia presente na literatura para adultos são trazidas para a literatura infantojuvenil.

Gouvêa (2005) relata que, na literatura infantojuvenil, o negro não tinha falas e, em suas raras presenças nas obras, era descrito como se fizesse parte dos objetos do cotidiano. A autora aponta algumas obras cuja tessitura desses personagens era de objetificação e/ou estereotipia. São elas: Contos pátrios, de Olavo Bilac e Coelho Neto, intitulado *Mãe Maria*; Tales de Andrade traz contos atribuídos ao folclore africano com *Flor encarnada*; Monteiro Lobato em *Memórias da Emília*, Menotti Del Pichia com *O país das formigas* etc.

Em relação à produção de Monteiro Lobato, considerado o pai da literatura infantojuvenil, os teóricos Castilho (2004), Oliveira (2018) e Lopes e Rocha (2016) compartilham a visão de que são obras cheias de racismo e diminuição do negro. De acordo com Oliveira (2018, p.5), “buscou-se, então, resgatar a cultura negra nas narrativas da época, porém esse resgate foi permeado pelo racismo e depreciação do povo negro, nas obras de Monteiro Lobato e de seus

contemporâneos”.

Já Castilho (2004), apesar de reconhecer a excelência de Lobato como escritor, ressalva que a forma como Lobato apresenta o negro nas histórias nada mais é do que a maneira como ele, e toda população não negra e/ou contra a abolição, via os ex-escravos na época. Tal visão é corroborada por Lopes e Rocha (2016), ao dizerem que o tipo de escrita usado nos livros de Monteiro Lobato nada mais era do que a representação fiel do linguajar das pessoas da época.

Outros escritores do meio literário infantojuvenil também escreveram obras cujos personagens principais eram negros, como é o caso da escritora Ana Maria Machado, autora do livro *Menina bonita do laço de fita*; Ziraldo, com *O menino marrom*; Luís Galdino, que escreveu *Saudade da vila*, e Giselda Laporta Nicolelis, autora de *O amor não tem cor*. Na visão de Oliveira (2008), esses escritores, entre outros, tentaram humanizar os personagens negros, trazendo-os como protagonistas.

As obras literárias são representações de uma determinada época e a forma como histórias são contadas e personagens descritos têm poder de revelar certos preconceitos e valores. Acreditamos que a representação negativa dos personagens negros pode exercer influência na construção da subjetividade do aluno. O maior contato que crianças e adolescentes têm com obras literárias se dá na escola. O primeiro contato da criança com o outro se dá no âmbito familiar, porém é na escola que ela encontrará a diversidade — de memórias, histórias, crenças e aparências —, pois é o lugar em que passará grande parte do seu dia. Logo, o espaço escolar vai além do ensino de técnicas e conceitos. A escola exerce uma influência significativa no desenvolvimento da criança por possibilitar, através de troca de conhecimentos, o desenvolvimento dela, o que deveria contribuir para um melhor convívio em sociedade.

Conforme Dessen e Polônia (2007), tanto o espaço familiar quanto o escolar funcionam como estruturas essenciais para o desenvolvimento individual das pessoas. Em relação à escola, a autora ainda acrescenta:

[...] ela não apenas reflete as transformações atuais como também tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado. Uma de suas tarefas mais importantes, embora difícil de ser implementada, é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades em um mundo de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o processo de desenvolvimento do indivíduo (DESSEN; POLÔNIA, 2007, p. 22).

Outra importante contribuição que o espaço escolar possibilita é o contato com os livros literários, que permite ao aluno conhecer, através de histórias, poemas, etc., a evolução das sociedades e a sua própria história.

As obras literárias exercem papel importante no desenvolvimento do estudante, e acreditamos que é por meio delas, e mais especificamente dos seus personagens, que os alunos se veem e se reconhecem. Há também uma identificação com toda comunidade escolar essa identificação também se estabelece com os personagens de livros, visto que são os contos de fadas e os super-heróis que permeiam nosso imaginário.

Em razão da escassez e da forma negativa como personagens negros são representados nos livros, percebemos uma possibilidade de tanto o aluno negro quanto o não negro terem a constituição da sua subjetividade influenciada. A respeito dessa questão, Oliveira (2008) assevera que literatura infantojuvenil auxilia como reforço para que as crianças respondam negativamente em relação à estereotipação dos negros nos livros e ao fato de os personagens brancos serem referência do que é belo e bom.

De acordo com Castilhos (2004), tanto a criança de origem africana quanto a de origem europeia podem ser afetadas, pois os livros têm potencial para fortalecer o “domínio da raça” e reduzir o amor próprio do aluno negro.

Uma pesquisa realizada por Oliveira (2018), em uma determinada escola, confirma essa desigualdade:

Um dos problemas levantados pelos educadores foi a inexistência ou a escassa presença de livros literários com personagens negros nas escolas. E entre aqueles – os livros -, prevaleciam, sempre, os personagens brancos, sob os moldes dos contos de fadas. Ou seja, com traços predominantemente europeizados. Por outro lado, os alunos dos educadores (da Educação Infantil e do Ensino fundamental), em grande maioria negros, ou morenos, como se autodenominam, e outros de tez clara, quando das festas realizadas nas escolas, escolhiam os colegas para representar papéis de heróis, príncipes, princesas, fadas, conforme o padrão de beleza branco: pele clara, cabelos lisos e, de preferência, louros. Agora, quando se tratava de escolher aqueles que seriam os antagonistas, o Saci Pererê, a bruxa, o representante do mal, indicavam os colegas negros. (OLIVEIRA, 2018, p. 2)

São características da sociedade de uma determinada época que são reforçadas através dos livros para a atualidade, e geralmente essas histórias infantojuvenis são apresentadas sem que haja algum tipo de debate ou reflexão. São histórias cercadas de uma realidade dura, que certamente influenciam na constituição da subjetividade do aluno.

Tendo em vista essa influência, na sequência, faz-se breve estudo do que é subjetividade e sua importância.

A LITERATURA E A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

De acordo com Brabo e Rosseto (2007) a subjetividade, na concepção de Vygotsky (1991), é aquilo que é único de cada indivíduo, e se constrói a partir das relações do sujeito com a sociedade; não é estática e essa construção se dá ao longo da vida. Para os autores supracitados, o termo subjetividade inicialmente dizia respeito às vivências pessoais de cada ser humano, aquilo que não se modificava nem se passava adiante. Contudo, após o século XIX, percebeu-se que o exterior tinha uma grande relação com o interior da pessoa e o influenciava significativamente. E surge então o conceito atual:

Geralmente, subjetividade é entendida como aquilo que diz respeito ao indivíduo, ao psiquismo ou a sua formação, ou seja, algo que é interno, numa relação dialética com a objetividade, que se refere ao que é externo. É compreendida como processo e resultado, algo que é amplo e que constitui a singularidade de cada pessoa. (BRABO; ROSSETTO, 2007, p. 2)

Santos (2015) corrobora esse entendimento. Segundo ela, subjetividade é o resultado do encontro de um indivíduo com o outro, que vai fazer com que os envolvidos se alterem internamente e modifiquem o seu meio, é a soma desse contato. Há, então, uma mudança biológica e psicológica que ocorre resultado dessa relação com o meio social.

Silva (2009) acrescenta que a subjetividade é uma parte importante no desenvolvimento e na construção do psiquismo do ser humano, pois:

[...] possibilita ao homem apropriar-se das produções da humanidade (universalidade), a partir de determinadas condições de vida (particularidade), que constituem indivíduos únicos (singularidades), mesmo quando compartilham a mesma particularidade (SILVA, 2009, p. 174):

A respeito dessa relação com a sociedade, que resultaria na constituição da subjetividade, Aita e Facci (2011) discorrem que o indivíduo, ao entrar em contato com o outro, com o meio social e com a história, apodera-se de informações que se misturam com a sua individualidade, expandindo, assim, seus saberes. Algumas dessas funções de acordo com as autoras são:

[...] psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e está assentado, também, na relação com outros homens (AITA; FACCI, 2011, p. 36).

Na ótica de Silva (2009), o processo de construção da subjetividade é inerente a todo ser humano e é o resultado da internalização do meio externo. Ele vai se construindo até resultar em um conjunto das características marcantes da pessoa. A subjetividade se constitui conforme o sujeito internaliza, subjetiva,

as relações sociais que são externas a ele, num processo dialético entre o interno e o externo. (AITA; FACCI, 2011, p. 43)

Entendendo a importância das relações na vida do indivíduo, fundamentais na construção da subjetividade, acreditamos que a representação dos personagens negros na maioria dos livros de literatura infantojuvenil influencia negativamente a vida do educando.

Aita e Facci (2011) abordam que a maneira como cada ser humano se vê está atrelada aos valores com os quais a sociedade apresenta suas hierarquias. Entendemos que esses valores e conceitos são perpetuados em grande parte por livros e ilustrações, pois é por meio deles, principalmente, que conhecemos os conceitos e as crenças da sociedade de uma determinada época. Como é através dos personagens do texto, e da fala do escritor, no caso da literatura, que as características físicas, psíquicas e sociais se mostram, e a representação negativa dos personagens negros reforça certos preconceitos.

O homem constitui sua subjetividade mediante o processo de apropriação dos conhecimentos construídos historicamente, desenvolvendo, assim, suas funções psicológicas superiores, tais como raciocínio lógico, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras funções. Esse é um aspecto fundamental para o desenvolvimento da subjetividade e está assentado, também, na relação com outros homens (AITA; FACCI, 2011, p. 36).

Sobre isso, Oliveira (2018) enuncia:

Dessa forma, a ausência de personagens negros, ou a marginalização dos mesmos nos livros infanto-juvenis produz uma realidade preconceituosa nas relações intersubjetivas estabelecidas pelas crianças e contribui para a sustentação de uma ordem racial desigual (OLIVEIRA, 2018, p. 109).

Importante reforçar que o espaço escolar e as relações nele e com ele estabelecidas exercem influência na constituição do sujeito. Muito além de contribuir para a construção de conhecimentos, tem como finalidade auxiliar o aluno e prepará-lo para a vida social. Partindo desse pressuposto e vendo que a constituição subjetiva do indivíduo se dá a partir do que lhe é interno, seu contato com o outro e com o meio, acreditamos que a escola tem papel

fundamental na constituição da subjetividade do educando. Isso porque é através dos conhecimentos e experiências adquiridos lá que a criança conhecerá a concepção da sociedade em relação a determinados valores.

Esse conhecimento se dará, de forma significativa, pelo contato com os livros, especialmente os literários. Um garoto com características europeizadas se vê nos contos de fadas como o príncipe, o desbravador ou o sinônimo de beleza, ou seja, por meio de personagens, ele conhece o padrão da sociedade e seus julgamentos de valor. Já o discente negro, ao deparar com personagens com seus traços e sua cor, verá um retrato negativo, tanto físico como psicológico, sempre evidenciando que ele não é o padrão da sociedade.

Esses dois estudantes, o de tez negra e o de clara, possivelmente passarão a se ver assim, e/ou, mesmo não concordando, entenderão o lugar ocupado por seus semelhantes na sociedade. A escassez de referência negra na literatura pode afetar a autoestima da criança/adolescente e conseqüentemente gerar revolta e possíveis preconceitos e isso poderá servir como reforço para uma baixa autoestima, podendo gerar revolta e preconceito.

Em relação ao aluno não negro, possivelmente, ocorrerá a reafirmação de sua importância e a relevância que suas características padronizadas exercem na sociedade, fortalecendo assim o domínio em relação aos negros. Os personagens acabam por reforçar a classe dominadora e a dominada.

O modelo de livro literário trabalhado em sala e especialmente a forma como ele é apresentado supostamente resultará em um determinado tipo de constituição da subjetividade. Assim sendo, Oliveira (2018) afirma que é necessária uma escolha minuciosa desse tipo de material e que esta seja feita com o intuito de diminuir atitudes preconceituosas, visando à erradicação do preconceito. Entretanto, Oliveira (2018) questiona se os livros de literatura infantojuvenil utilizados em sala de aula, em razão das escolhas feitas, não seriam uma contribuição para potencializar o preconceito.

A seleção do material literário utilizado em sala pelo professor é importante, e principalmente a forma como será empregado. Inserir materiais que contribuem para a igualdade no contexto escolar é fundamental. Escolhas certas contribuirão significativamente para a constituição da subjetividade,

capacitando o indivíduo para construir e transformar o seu meio positivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou realizar uma breve análise a respeito da presença dos personagens negros na literatura infantojuvenil brasileira, entendendo suas posições e características nos livros, com intuito de saber se a representação do negro nos títulos infantojuvenis tinha influência na construção da subjetividade do educando negro.

No desenvolver desta pesquisa, foi possível perceber que a presença de personagens negros na literatura infantojuvenil é ainda mais escassa se a compararmos à literatura destinada ao público adulto. Em contrapartida, os estereótipos e posições desse elemento nas narrativas são os mesmos. O negro continua sendo tratado como objeto e animalizado, sempre diminuído em relação a outras personagens da narrativa.

Nesse contexto, podemos afirmar que a trajetória do negro na literatura brasileira perpassa da ausência à objetificação e do silenciamento à estereotipação. E esse mesmo roteiro se estende para a literatura infantojuvenil.

Concluimos, então, que o contato do aluno com personagens infantis negros, que tenham papel relevante nas histórias, com suas características físicas e psíquicas tratadas positivamente, é muito importante para a construção de uma subjetividade positiva. Visto que a subjetividade é constituída através do contato do que é íntimo de cada pessoa com o exterior - pessoas, ambientes, ilustrações, palavras, conceitos etc., então se depreende que ter contato com histórias que hostilizam e diminuem o negro e sua ancestralidade pode afetar a constituição do caráter e da autoestima do educando negro e se estende ao aluno não negro, contribuindo para afirmar a supremacia de raças e o preconceito através de personagens negros estereotipados e marginalizados.

É importante salientar que a inserção em sala de aula de livros de literatura infantojuvenil cujos personagens são representados positivamente não substitui trabalhar com os clássicos da nossa literatura, mesmo que esses, em sua maioria, silenciem ou denigrem a imagem do negro. Ele precisa ser

trabalhado, pois literatura é história, reflexo da sociedade de uma época, e não há como fugir da nossa história.

É necessário, contudo, saber como trabalhá-lo, estimulando a reflexão, os questionamentos e inserindo o debate em sala, enfocando assim a subjetividade do aluno. Acreditamos que o que fará diferença é a quantidade e a qualidade: a quantidade de livros de literatura afro-brasileira infantojuvenil precisa ser equiparada aos clássicos da literatura infantojuvenil em geral, e a qualidade está em como inserir essas obras, de forma que possamos auxiliar na construção de um aluno que se ame, se respeite e saiba viver com as diferenças de forma ativa e humana na sociedade.

REFERÊNCIAS

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural**. Psicologia em revista, v. 17, n. 1, p. 32-47, 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/es/revista/psicologia-em-revista/articulo/subjetividade-uma-analise-pautada-na-psicologia-historico-cultural> Acesso em: 31 out. 2021

CASTILHO, Suely Dulce de. **A representação do negro na literatura brasileira: novas perspectivas**. Olhar de professor, v. 7, n. 1, 2004. Disponível em: < <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/684>>. Acesso em: 28 jul. 2021

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, v. 31, p. 87-110, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewFile/2021/1594>>. Acesso em: 06 set. 2021

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 17, p. 21-32, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCsTNbWg8JNGRcV9pN/?lang=pt> . Acesso em: 23 out. 2021
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005pt Acesso em: 01 nov. 2021

DE JESUS OLIVEIRA, Maria Anória. **Literatura Afro-Brasileira Infanto-Juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros**. Anais, p. 1-9, 2008. Disponível em:

https://www.https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/024/MARIA_OLIVEIRA.pdf . Acesso em: 19 set. 2021

ROCHA, Pedro Albeirice da; LOPES, Robson Vila Nova. **Literatura infanto-juvenil: história e relações com a pedagogia**. 2016. Disponível em: http://atuaria.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/428/2018/08/pedro_alberice_e_robson_lopes_especial.pdf Acesso em: 25 out. 2021

ROSSETTO, Elisabeth; BRABO, Gabriela. **A constituição do sujeito e a subjetividade a partir de Vygotsky: algumas reflexões**. Travessias, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3238> Acesso em: 28 out. 2021

SANTOS PESSOA, Patricia dos. **A subjetividade a partir de Vygotsky: uma aproximação com a linguagem**. In: VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional em Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores em Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología- Universidad de Buenos Aires, 2015. Disponível em: <https://www.academica.org/000-015/434> Acesso em: 28 out. 2021

SILVA, Flávia Gonçalves da. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural**. Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação. ISSN 2175-3520, n. 28, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43108> Acesso em: 31 out. 2021

VYGOTSKI L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.